Open Minds International Journal
São Paulo, v. 7, Publicação de Fluxo Contínuo ISSN 2675-5157

ARTIGO ORIGINAL

O SENTIDO DE IDENTIDADE NO DISCURSO: WANG YI E AS TEORIAS PÓS-ESTRUTURALISTA E PÓS-COLONIAL

THE SENSE OF IDENTITY IN DISCOURSE: WANG YI AND POST-STRUCTURALIST AND POST-COLONIAL THEORIES

EL SENTIDO DE IDENTIDAD EM EL DISCURSO: WANG YI Y LAS TEORÍAS POSESTRUCTURALISTAS Y POSCOLONIALES

Maria Clara Lima Abrão[1]
Débora Suéllen Severiano de Freitas[2]
Mariana Kelly Sousa Lima[3]

1. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mcl.abrao@gmail.com
2. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: deborasuellenf@gmail.com
3. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: msousalima123@gmail.com

ABSTRACT: This study analyzes the construction of identity within the discourse of Wang Yi, Foreign Minister of the People's Republic of China, during the 2023 International Forum for Trilateral Cooperation. It draws upon the post-structuralist and post-colonial perspectives of David Campbell, Edward Said, and Dipesh Chakrabarty. Through a qualitative analysis of the address, the study argues that the discourse mobilizes a narrative of regional solidarity and the reaffirmation of Asian identity in opposition to Orientalist representations produced by the West. By advocating the need to "remember where we come from," Wang Yi reaffirms self-determination and the construction of identities alternative to Eurocentric narratives. The study concludes that Chinese diplomacy employs discourse as an instrument for symbolically challenging Western centrality in international relations.

Keywords: Wang Yi; Orientalism; Identity; China.

RESUMO: O presente trabalho analisa a construção do sentido de identidade no discurso de Wang Yi, ministro das Relações Exteriores da República Popular da China, durante o Fórum Internacional de Cooperação Trilateral de 2023. Fundamenta-se nas perspectivas pós-estruturalista e pós-colonial de David Campbell, Edward Said e Dipesh Chakrabarty. Por meio de análise qualitativa do pronunciamento, argumenta-se que o discurso mobiliza uma narrativa de solidariedade regional e reafirmação identitária asiática em contraposição às representações orientalistas produzidas pelo Ocidente. Ao defender a necessidade de "lembrar de onde viemos", Wang Yi reafirma a autodeterminação e a construção de identidades alternativas às narrativas eurocêntricas. Conclui-se que a diplomacia chinesa emprega o discurso como instrumento de contestação simbólica da centralidade ocidental nas Relações Internacionais.

Palavras-chave: Wang Yi; Orientalismo; Identidade; China.

RESUMEN: Este artículo analiza la construcción de un sentido de identidad en el discurso de Wang Yi, Ministro de Asuntos Exteriores de la República Popular China, durante el Foro Internacional de Cooperación Trilateral de 2023. Se basa en las perspectivas posestructuralistas y poscoloniales de David Campbell, Edward Said y Dipesh Chakrabarty. Mediante un análisis cualitativo del discurso, se argumenta que este moviliza una narrativa de solidaridad regional y reafirmación de la identidad asiática en oposición a las representaciones orientalistas producidas por Occidente. Al defender la necesidad de «recordar de dónde venimos», Wang Yi reafirma la autodeterminación y la construcción de identidades alternativas a las narrativas eurocéntricas. Se concluye que la diplomacia china emplea el discurso como instrumento de contestación simbólica a la centralidad occidental en las Relaciones Internacionales.

Palabras-clave: Wang Yi; Orientalismo; Identidad; China.

Recebido em: 27/08/2026.
Aprovado em: 04/10/2026.

Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

A compreensão do posicionamento internacional da República Popular da China no século XXI exige uma análise aprofundada de como o país articula suas noções de identidade, soberania e resistência diante da ordem global. Historicamente, a transição da China contemporânea é descrita pela tese do "culturalismo ao nacionalismo", indicando que a imagem confuciana tradicional do país correspondia a uma comunidade definida culturalmente, e não a um Estado delimitado étnica ou politicamente (Figueiredo, 2007). A China articula seus instrumentos diplomáticos para combater o orientalismo moderno e enfrentar a dominação cultural eurocêntrica (Moreira, 2024), de modo que o discurso oficial e a atuação diplomática chinesa emergem como espaços fundamentais de poder, nos quais a linguagem e as narrativas estatais são empregadas não apenas para projetar uma imagem benigna de desenvolvimento pacífico, mas também para reivindicar a autodeterminação e a centralidade intelectual da civilização chinesa na governança global (Mendes, 2015).

A relevância da China é constantemente debatida na academia, a partir da ascensão do país em relação ao Ocidente, sobretudo aos Estados Unidos e à Europa. Contudo, é fundamental voltar a atenção aos novos papéis desempenhados pela China no Oriente, de modo que este trabalho visa analisar como o Estado chinês se posiciona no Sudeste Asiático e como constrói, não apenas a sua, mas também uma identidade "oriental" a ser seguida. Essa construção de sentido de identidade fundamenta-se em narrativas históricas, culturais e políticas que buscam reafirmar a historicidade e a singularidade chinesas, inserindo-se nos esforços do país para se consolidar como uma potência mundial e estabelecer novas formas de representação e resistência diante das narrativas imperialistas e dominantes do Ocidente.

Neste contexto, surge como reflexo da construção identitária chinesa um trecho do discurso de 王毅 (Wang Yi), ministro das Relações Exteriores da China, na abertura da cerimônia do Fórum Internacional de Cooperação Trilateral de 2023, realizado em Qingdao, na província de Shandong, e repercutido online. O enunciado por Wang Yi é relevante por elucidar as relações internacionais e as relações Ásia-mundo hodiernamente, sobretudo quando amparado pelas teorias pós-estruturalista e pós-colonial, com base em David Campbell (1990; 1992), Edward Said (1996) e Dipesh Chakrabarty (2000). Essa abordagem teórica conjunta possibilita desconstruir os sistemas tradicionais de produção de conhecimento e as estruturas eurocêntricas de poder que historicamente relegaram o Oriente a uma posição de subalternidade.

A fala do ministro atua como catalisador para questionar a universalidade das categorias políticas ocidentais, evidenciando como a China e outras nações asiáticas buscam articular narrativas próprias de resistência, autoafirmação e autodeterminação diante das representações imperialistas dominantes. Em resposta às pressões coercitivas do Ocidente, o discurso de Wang Yi perpetua um caráter de resistência ativa e solidariedade regional. Ao propor a desconstrução dos paradigmas eurocentrados, entende-se que a diplomacia chinesa buscou e busca articular, junto aos seus vizinhos asiáticos, narrativas próprias de autoafirmação e emancipação subjetiva baseadas em paradigmas asiocêntricos.

Por fim, o trabalho se divide detalhadamente nos seguintes tópicos: (1) Metodologia, que explicita o uso da teoria do discurso pós-estruturalista e demais ferramentas de tradução; (2) Objeto de Análise: O Discurso de Wang Yi, centrado no pronunciamento do ministro; (3) O Que Dizem as Teorias de Relações Internacionais, que articula as perspectivas pós-estruturalista e pós-colonial de David Campbell e Edward Said; (4) O Sentido de Identidade no Discurso: Wang Yi, o "Eu" e o "Outro", que examina a relação entre

o Ocidente, o Oriente e a construção de um "Outro"; e (5) Considerações Finais, as quais sintetizam os resultados obtidos.

Metodologia

Consoante o objetivo de análise do conteúdo reverberado pelo ministro das relações exteriores da China, o trabalho sustentar-se-á sob a base de três teorias das Relações Internacionais: mobiliza as contribuições teóricas de David Campbell, sobretudo as obras "Inscription: how foreign policy constitutes the United States" (1990) e "Writing Security: United States foreign policy and the politics of identity" (1992); os conceitos articulados por Dipesh Chakrabarty em "Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference" (2000); e o trabalho de Edward Said em "Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente" (1996). São metodologicamente relevantes as dadas contribuições teóricas pós-estruturalistas e pós-coloniais no tocante à constituição discursiva da identidade estatal e à formulação do sujeito político mediante a demarcação sistemática de fronteiras entre o "Eu" e o "Outro", em articulação fundamental com os aportes de Edward Said sobre o Orientalismo, a fim de desconstruir as representações hegemônicas, os estereótipos históricos e as assimetrias normativas impostas pelo Ocidente sobre o Oriente.

Aliado a isso, o discurso de Wang Yi será analisado de acordo com o arcabouço ontológico de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2011), isto é, uma teoria do discurso não-essencialista e pós-estruturalista a qual assimila o discurso enquanto sistema que excede a complexidade linguística, uma vez que a linguagem é o que constitui a realidade e, fora do discurso, não é possível significação (Ferreira, 2011). Considera-se, portanto, que os discursos fundamentam as estruturas de poder ao determinar agendas, ações políticas, a fundação de instituições e normas, e, sobretudo, ao permitir a associação de identidades ao processo de construção de uma nova hegemonia (Oliveira, 2018), de modo a conferir relevância ao discurso e às possíveis sinalizações de Wang Yi no dado contexto.

Objeto de Análise: O Discurso de Wang Yi

Divulgado pela plataforma midiática 手机鳳凰網 (凤凰网) ou Phoenix New Mídia (ifeng.com)[1], veículo que noticia internacionalmente questões relacionadas à China, a fala do ministro Wang Yi no Fórum Internacional de Cooperação Trilateral entre China, Japão e Coreia do Sul veio a público e foi repercutida globalmente; no Brasil, através do veículo jornalístico CNN (Gan, 2023)[2].

Destarte, segundo o reportado, Wang Yi aferiu: *"我们中日韩的朋友们,我们到美**国**去,他们分不**清**中日韩。我们可能到欧洲去也是一样。不管你把头发染得再**黄**,鼻子修得再尖,也变不了欧美人,变不成西方人。我们要知道自己的根在什么地方。"* (informação verbal). A partir da tradução direta, confirmada pela tradução tripla, é possível acessar o discurso do ministro:

[1] 凤凰卫视. 王毅：中日韩要知道自己的根在哪里，头发染得再黄、鼻子修得再尖也变不成西方人. [S. l.], 2023. Disponível em: https://news.ifeng.com/c/8R8v7AihJJg. Acesso em: 29 jan. 2026.

[2] GAN, Nectar. Diplomata chinês convoca Japão e Coreia do Sul a se unir a Pequim e "revitalizar a Ásia", CNN Brasil. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/diplomata-chines-convoca-japao-e-coreia- do-sul-a-se-unir-a-pequim-e-revitalizar-a-asia/. Acesso em: 7 nov. 2023.

> Amigos da China, Japão e Coreia. Estamos indo para os Estados Unidos. Os americanos consideram isso benéfico, não é? Eles não conseguem distinguir entre chineses, japoneses e sul-coreanos, e o mesmo acontece quando voltamos para a Europa. Não importa o quão loiro você pinte seu cabelo ou quanto você altere a forma do seu nariz, você não pode se tornar ocidental. Precisamos lembrar de onde viemos (informação verbal)[3].

Durante o evento, Wang Yi também discorreu sobre a necessidade de promover "valores asiáticos inclusivos, fomentem um senso de autonomia estratégica, mantenham a unidade e a estabilidade regional, resistam ao retorno da mentalidade da Guerra Fria e fiquem livres da coerção do bullying e da hegemonia" (Gan, 2023, s.p.). Também foi reforçada a necessidade de revitalizar o leste asiático, de modo que Wang Yi afirmou em seu discurso que a cooperação entre as três nações seria fundamental para tal revitalização, complementando, ainda, que países não-asiáticos criam situações deliberadamente exageradas sobre aspectos ideológicos para promover a confrontação e divisão ao invés da cooperação e união (The Associated Press, 2023).

É crucial contextualizar a fala do diplomata, a qual direcionava-se a representantes de dois países asiáticos que, politicamente, nas últimas décadas se alinharam a países ocidentais, sobretudo os Estados Unidos, de modo que Nencine (2024) inclusive inclui a Coreia do Sul e o Japão ao que nomeia "ocidente geopolítico". Para além da questão China-Taiwan (Loh, 2023) e demais disputas regionais, as diplomacias sul-coreana e japonesa se alinham, muitas vezes, aos interesses americanos, de modo que o apelo pan-asiático chinês enfrenta resistências, para além da desmoralização do termo nas últimas décadas. A ideologia pan-asiática emergiu em meados do século XIX, tendo como marco a Primeira Guerra do Ópio (1839–1842) e visou construir a ideia de "uma só Ásia" em oposição ao Ocidente, por vezes visto como o Outro, embora, durante o Império Japonês, foi instrumentalizada e apropriada a fim de justificar a hegemonia japonesa e suas práticas expansionistas e coloniais, de modo a ganhar aspecto pejorativo (Szpilman; Saaler, 2011). Atualmente, em contextos de integração regional, o conceito apareceu novamente.

Outrossim, ressalta-se que Wang Yi foi embaixador chinês no Japão entre 2004 e 2008, diretor do Escritório de Assuntos de Taiwan entre 2008 e 2013, ministro das Relações Exteriores de 2013 a 2022 e é diretor do Comitê de Relações Exteriores do Partido Comunista Chinês desde janeiro de 2023 e Ministro das Relações Exteriores desde julho de 2023, o que lhe confere relevância quanto a seu discurso e ao conteúdo relativo aos planos diplomacia chinesa.

O Que Dizem As Teorias de Relações Internacionais: o Pós-Estruturalismo e o Pós-Colonialismo

Teorias tendem a acompanhar questionamentos e agendas respectivas a seus tempos, assim como incorporam elementos de outras teorias relevantes; contemporaneamente, o pós-colonialismo influenciou-se das perspectivas teóricas marxistas, feministas e pós-estruturais (Toledo, 2021). Neste sentido, o diálogo estabelecido entre o pós-estruturalismo e o pós-colonialismo no campo das Relações Internacionais é fundamental para a análise do objeto do estudo do respectivo trabalho, uma vez que ambos visam dissecar, questionar e desconstruir os sistemas de produção de conhecimento e poder. Desta forma, conforme o intuito analítico, utilizar-se-ão as teorias pós-estruturalista e pós-colonial, enfaticamente a perspectiva de David Campbell (1990; 1992) e Edward Said (1996).

[3] Tradução realizada pelas autoras, apoiada pelo programa Google Tradutor (2023).

As teorias pós-estruturalistas alicerçam-se no fato de que a estrutura não apresenta caráter etéreo, eterno ou fixo, consequentemente vista como uma estrutura volátil à hegemonia, responsável por moldar e dar forma às relações. Neste sentido, em "Writing Security: United States foreign policy and the politics of identity", Campbell (1992) descreve que existem princípios inauditos e imprescindíveis em um 'verdadeiro estadunidense', dado que são construções sociais e identitárias e refletem uma trajetória histórico-social. Similarmente, a concepção de identidades antagônicas, aliada ao Estado enquanto propulsor destes, circunda todas as atribuições de sentido, o que é ressaltado por Campbell (1990) em sua análise relativa à criação "do Outro" durante a Guerra Fria, em que ocorrem o barbarismo, a desmoralização e a atribuição de determinados traços entre os polos de poder, especialmente associados à evangelização do medo.

Concomitantemente, as teorias pós-coloniais nas Relações Internacionais evidenciam a violência colonial para além do físico: as atrocidades psicológica, geológica, ecológica, cultural, histórica, psíquica, entre outras (Davis, 2022). Intencionados a acusar que, mesmo após o término formal de períodos coloniais, as ideologias imperialistas se mantêm e permanecem agrilhoando e perpetuando a lógica de subalternização de sociedades colonizadas, diversos teóricos vertem-se a estudar o funcionamento deste complexo projeto em variados locais.

> […] o entendimento dos efeitos do passado no presente se produz não somente por meio de um enfoque analítico sobre a relação colonizador-colonizado (ou qualquer outro tipo de relação dominador-dominado), mas também de um exame das relações intragrupais, em termos de assimilação, internalização de valores, mímica, cooptação e resistência, na ambígua e ambivalente encruzilhada de identidade e alteridade (Walter, 2012, p. 139).

O acadêmico americano-palestino Edward Wadie Said dedicou-se à pesquisa da Ásia sob o imperialismo e denuncia, em "Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente" (1996), que a produção do conhecimento e as representações feitas acerca do mundo estão indistintamente associadas à ideia de poder, enfatizando as produções teóricas ocidentais a respeito do Oriente. Said (1996) prolata que estas propagavam a 'caricaturização' e estereotipificação do Oriente, metodizadas a partir da perspectiva de conquista, isto é, através do olhar de exploração e dominação das sociedades, e, ademais, por meio da construção ideológica de um "Eu" Ocidental Superior, que denota a existência de um "Eu" Oriental Inferior.

Em uma associação de ambas teorias, é nítido o cruzamento entre a criação do outro de Campbell e a ideia de um "Eu" Ocidental Superior, a presumir e reforçar estereótipos relacionados ao que é o "outro" Oriental. É fulcral a compreensão do antagonismo enquanto condição de possibilidade e, simultaneamente, impossibilidade, isto é, a afirmação de uma determinada identidade e a das outras identidades que se difiram desta. Portanto, a utilização da análise do discurso de Laclau e Mouffe (2011), associa-se a tais levantamentos teóricos no ponto em as identidades manifestam-se nas falas, ações e outras maneiras discursivas, ressaltando o orientalismo, a ideologia "Eu" Ocidental Superior e a criação de um Ocidente e de um Oriente.

O Sentido De Identidade No Discurso: Wang Yi, o "Eu" e o "Outro"

Os teóricos pós-coloniais propunham, entre outras, a missão de evidenciar como as histórias nacionais não-ocidentais foram, e ainda são, elaboradas em referência a categorias político-teóricas pertencentes à tradição intelectual europeia. Diante disso, o indiano Dipesh Chakrabarty (2000) afirma que, ao pensar as configurações políticas do sul da Ásia a partir de conceitos do imaginário moderno europeu, há a legitimação de uma temporalidade linear cujo fim é a própria Europa. Nesse sentido, o nacional não-

ocidental é sempre concebido como um sujeito em formação, que está a se educar de sua falsa consciência, de seus hábitos retrógrados e a se desenvolver como cidadão (Leda, 2015). Logo, o que se percebe, ao analisar o discurso de Wang Yi, é que, hodiernamente, o discurso da universalidade e da cidadania produzido pelo Ocidente falha ao tentar incluir o indivíduo diferente de si próprio e funciona como justificativa para a sua condição de subalternidade.

Dessa maneira, quando o ministro das Relações Exteriores da China afirma haver benefícios para os Estados Unidos e para a Europa com a ida de chineses, japoneses e sul-coreanos para o país, é possível inferir que tal inserção dos asiáticos na sociedade estadunidense se daria nos limites propostos por esta; desde que tais indivíduos "superassem" a sua religiosidade, a sua identidade e a sua cultura e assimilassem a identidade estadunidense, eles seriam bem-vindos. Em seguida, Wang Yi estabelece, porém, o contraponto: mesmo com a assimilação subjetiva da cultura ocidental e a tentativa de incorporar atributos físicos ocidentais, os chineses, japoneses e sul-coreanos jamais conseguirão transformar a imagem caricata, xenofóbica e racista que a maioria dos estadunidenses e europeus têm em seu imaginário. Assim, aqueles não-ocidentais jamais seriam vistos e enxergados como iguais por não portarem, nos termos de David Campbell (1992), os princípios inauditos e imprescindíveis à identidade ocidental, identidade esta que se preocupa em definir os asiáticos a partir daquilo que ela não é, ou seja, parte da falha e da ausência quando comparada aos ideais modernos ocidentais orientalistas.

A busca pela afirmação identitária evidenciada no discurso do ministro Wang Yi pode ser interpretada como uma resposta às influências coloniais e à procura de uma nova forma de representação e resistência. Diante disso, o pensamento pós-colonial desafia as narrativas imperialistas e dominantes, ao mesmo tempo em que questiona a construção dos discursos que sustentaram e sustentam até os dias atuais a colonização e a dominação ocidental. Dessa forma, a China — e outros países asiáticos — têm procurado opções alternativas de identificação, afirmação cultural e política, reivindicando suas próprias vozes e narrativas.

Além disso, os discursos oficiais, as mídias, as políticas públicas e outros recursos desempenham um papel fundamental na criação e representação da identidade coletiva, uma vez que a linguagem representativa é relevante para a formação social, conforme a análise pós-estruturalista. A China tem investido expressivamente na promoção de uma "identidade cultural chinesa", como parte de seus esforços para se consolidar como potência mundial, cuja construção de sentido de identidade é fundamentada em narrativas históricas, culturais e políticas que buscam reafirmar a historicidade e a singularidade chinesa.

No entanto, embora a convocação de Wang Yi por uma revitalização da solidariedade asiática busque estruturar um contradiscurso pós-colonial que desafia a hegemonia eurocêntrica, essa narrativa de resistência enfrenta complexidades geopolíticas profundas na própria região. Amparada pela busca por uma "comunidade de futuro compartilhado" e pelo fortalecimento do poder cultural chinês (Moreira, 2024), a fala de Wang Yi mobiliza um essencialismo identitário que contrapõe a singularidade oriental às categorias normativas ocidentais. Contudo, essa proposta pan-asiática esbarra em severas resistências no Japão e na Coreia do Sul, cujas arquiteturas de segurança estão solidamente ancoradas em alianças estratégicas e militares com os Estados Unidos (Mendes, 2015), de modo que, para Tóquio e Seul, o apelo discursivo a "lembrar as próprias raízes" pode ser recebido com críticas e desconfiança política, sendo interpretado não como um convite à emancipação multilateral, mas como um vetor voltado a desestabilizar as alianças transpacíficas.

Assim, a tentativa de articular um "Eu" oriental unificado encontra limites concretos diante de persistentes disputas territoriais e marítimas, bem como de fricções históricas não resolvidas do século XX

(Mendes, 2015), de forma que, ao qualificar a aproximação das nações vizinhas com o Ocidente como desigual ou aculturada, a diplomacia chinesa de certo modo tensiona o Japão e a Coreia do Sul, evidenciando as fissuras internas da própria identidade "Ser Oriental". Desta forma, ao reafirmar a necessidade de lembrar de sua origem, Wang Yi denota a importância de desconstruir a ideia de identidade como um fim que se realiza, isto é, superar os paradigmas ocidentais que os incitam a pensar a identidade asiática como subalterna e inferior em relação à ocidental e recuperar o direito à sua própria autodeterminação. Nesse sentido, o rompimento com tal lógica de inferioridade requer a reconstrução e superação do uso dos paradigmas eurocentrados visando à emancipação subjetiva e à independência intelectual, promovendo o entendimento da identidade não-ocidental a partir dos próprios não-ocidentais.

Considerações Finais

O presente trabalho pretendeu realizar a análise de um trecho do discurso de Wang Yi na abertura do Fórum Internacional de Cooperação Trilateral em 2023, elucidando a sua correlação com as teorias pós-estruturalista e pós-colonial. A partir do entendimento de que o discurso, segundo Laclau e Mouffe (2011), é um sistema que excede a complexidade linguística, compreendemos que a fala de Yi é a representação da nova racionalidade identitária chinesa e reflexo da perspectiva pós-colonial que visa desagrilhoar o Oriente da posição de subalternidade designada pelo Ocidente.

Para tanto, dilucidamos as teorias enunciadas por David Campbell (1990; 1992) e Edward Said (1996). Em seu entendimento, Campbell afirma existir princípios inauditos e imprescindíveis a uma identidade, os quais são construções sociais e refletem uma trajetória histórico-social. Além disso, a construção de uma identidade hegemônica implica necessariamente uma identidade subalterna, situação que se perpetua mesmo após os fins formais da colonização. Paralelamente, Said mobiliza a ideia de que a produção do conhecimento acerca do mundo está associada à ideia de poder, sendo que a construção caricata e estereotipada da imagem oriental por parte dos ocidentais seria realizada a partir da perspectiva da conquista, dominação e superioridade.

Diante disso, concebemos que o discurso de Wang Yi permite a inferência de seu entendimento em relação às dinâmicas de poder presentes no mundo hodierno, visto que se evidencia a impossibilidade de transformação da imagem caricata, xenofóbica e racista disposta no imaginário ocidental em relação aos não-ocidentais devido à ausência dos princípios inauditos e imprescindíveis à identidade ocidental. Tendo em vista que essa identidade ocidental constrói seu entendimento do mundo não-ocidental a partir daquilo que este não é em relação ao Ocidente, nem mesmo o metamorfismo físico poderia pervencer a relação de superioridade/subalternidade que consta na subjetividade eurocentrada. O desafio, no entanto, reside na complexa dualidade da diplomacia cultural e discursiva da China contemporânea: se, no plano simbólico e emancipatório, a fala do ministro se estabelece como uma potente ferramenta de resistência pós-colonial contra o orientalismo e a hegemonia normativa do Ocidente, no plano prático ela esbarra nas complexidades geopolíticas do Leste Asiático.

Entendemos que a essência do discurso de Wang Yi é a urgência da desconstrução da identidade como um fim que se realiza. Seria, então, imperioso superar os paradigmas ocidentais que incitam a pensar a identidade asiática como subalterna e inferior em relação à ocidental a fim de recuperar o direito à sua própria autodeterminação e integração regional para além do olhar do Outro. Para cumprir tal objetivo, a reconstrução e superação do uso dos paradigmas eurocentrados são fundamentais, promovendo o entendimento da identidade asiática a partir de paradigmas asiocêntrados.

Referências

CAMPBELL, David. **Global Inscription:** how foreign policy constitutes the United States. Alternatives, vol. 15, n. 3, 1990.

CAMPBELL, David. **Writing Security:** United States foreign policy and the politics of identity. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe:** Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton University Press, 2000.

DAVIS, Angela. Prefácio. *IN:* FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. Ubu Editora, 2022. p. 9-13

FERREIRA, Fabio Alves. **Para entender a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau.** Revista Espaço Acadêmico, n.º 127, dez. 2011.

FIGUEIREDO, Marianne Novaes Falleiro Chaves de. **Modernidade na China:** Identidade, Nacionalismo e Globalização. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Orientador: Prof. Dr. Williams da Silva Gonçalves. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GAN, Nectar. Diplomata chinês convoca Japão e Coreia do Sul a se unir a Pequim e "revitalizar a Ásia", **CNN Brasil**. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/diplomata-chines- convoca-japao-e-coreia-do-sul-a-se-unir-a-pequim-e-revitalizar-a-asia/. Acesso em: 7 nov. 2023.

GOOGLE Tradutor, **Google.com.br**. Disponível em: https://translate.google.com.br/. Acesso em: 8 nov. 2023.

HAPPY SCRIBE, HappyScribe: Audio Transcription & Video Captioning, **Happy Scribe.** Disponível em: https://www.happyscribe.com/. Acesso em: 9 nov. 2023.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista:** hacia una radicalización de la democracia. 3. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

LEDA, M. C. **Teorias pós-coloniais e decoloniais**: para repensar a sociologia da modernidade. Tematicas, Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 101–126, 2015. DOI: 10.20396/tematicas.v23i45/46.11103. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11103. Acesso em: 14 nov. 2023.

LOH, Matthew. China's top-ranking diplomat told Japan and South Korea their people can dye their hair blonde and make their noses sharper but that they'll 'never become Westerners,' urging them to work with Beijing instead. **Business Insider,** 2023. Disponível em: https://www.businessinsider.com/china-diplomat-tells-japan-south-korea-theyll-never-become-westerners-2023-7. Acesso em 29 jul. 2026.

MENDES, Carmen Amado. República Popular da China. *IN:* FREIRE, Maria Raquel (coord.). **Política Externa:** as relações internacionais em mudança. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 435-461

MOREIRA, Gabriela Sant'ana. **A diplomacia cultural na política externa chinesa contemporânea:** um estudo de caso sobre a atuação dos Institutos Confúcio. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais. Orientador: Laerte Apolinário Júnior. São Paulo, 2024.

NENCINI, Théo. **La bascule orientale:** Troubles et contradictions d'un ordre international en mouvement. Recherches Internationales. Association Paul Langevin, n. 128, 2024.

OLIVEIRA, Marcia Betania de. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso:** perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo. Revista Brasileira de Educação v. 23 e230081, 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Companhia das Letras, 1996.

The Associated Press. China dismisses criticism of top diplomat's comments appearing to push for race-based alliance. **The Asahi Shimbun,** jul. 2023. Disponível em: https://www.asahi.com/ajw/articles/14949914. Acesso em: 29 set. 2026.

SZPILMAN, Christopher W. A.; SAALER, Sven. **Pan-Asianism as an Ideal of Asian Identity and Solidarity, 1850–Present** アジアの主体性・団結の理想としての汎アジア主義――１８５０年から今日まで. The Asia-Pacific Journal, vol. 9, issue 17, n.1, 2011.

TOLEDO, Aureo. Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em Relações Internacionais: a parte que nos cabe nesse percurso. *IN:* _____. **Perspectivas Pós-coloniais e Decoloniais em Relações Internacionais**. EDUFBA, 2021. p. 19-34

WALTER, Roland. **Entre Gritos, Silêncios e Visões:** Pós-Colonialismo, Ecologia e Literatura Brasileira. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.º 21, 2012. p. 137-168

凤凰卫视. 王毅：中日韩要知道自己的根在哪里，头发染得再黄、鼻子修得再尖也变不成西方人. [S. l.], 2023. Disponível em: https://news.ifeng.com/c/8R8v7AihJJg. Acesso em: 08 nov. 2023.

Revisão: Maria Adriana Vidigal de Lima.